

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Opiniões

Class.: Panará 135

Data: 03.05.73

Pg.: _____

Caciques de Brasília

O Ministério nega aposentadoria a um Villas Boas

A emoção do contato com os Kreen-Acarore em plena selva, na margem do rio Peixoto de Azevedo, extremo norte de Mato Grosso, próximo à fronteira com o Pará, foi grande. Claudio Villas Boas, um homem calado, com seus óculos escuros, não economizou exclamações de entusiasmo. Orlando, carregando sua grande barriga e óculos de muito grau, ainda tentou alargar o contato — que era o segundo — antes de se juntar à alegria do irmão.

Nos muitos anos na selva, desde a expedição Roncador-Xingu, aqueles paulistas, junto com o outro irmão Leonardo (falecido em 1962), percorreram o centro-oeste brasileiro montados num idealismo desmedido, em busca do índio, e, no mesmo movimento, procurando para ele a melhor solução possível, diante do avanço da civilização.

Mas a alegria da selva manifesta de contato em contato com indígenas nem sempre encontra um correspondente direto na burocracia firmemente instalada em Brasília, de onde partem as ordens enquadrando sertanistas e índios, relegando conquistas e passados mesmo gloriosos.

Mas, para surpresa geral, os irmãos Villas Boas são funcionários da Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste — SUDECO — herdeira de um pesado fardo deixado pela extinta Fundação Brasil Central, que se afundou em algum Araguaia desses, entre tantos desvios de verba. Orlando Villas Boas (nascido em Santa Cruz do Rio Pardo, SP, em 1915) solicitou sua aposentadoria, argumentando com a lei que manda contar em dobro o tempo de serviço dos funcionários públicos, civis e militares, que participaram da expedição Roncador-Xingu.

A rígida burocracia, consciente de seu alto valor para o desenvolvimento brasileiro, negou o pedido sob a alegação de que a lei abrange somente aqueles que, ao tempo da expedição, eram funcionários. Quem, posteriormente, assumiu esta condição não pode pleitear a contagem de tempo em dobro e, sem esta prerrogativa, o noso sertanista não consegue somar os 30 anos necessários para ser aposentado.

Pegar o paletó

É evidente que nas salas refrigeradas do Ministério do Interior, em Brasília, os funcionários, bem pagos, não imaginam, nem de longe, as condições de trabalho na mata. Se imaginar já é um exercício perigoso, conhecer a vida do sertanista na selva é tema de piada. Melhor, sem dúvida, limitar a discussão aos textos legais e às 6 horas pegar o paletó, assinar o ponto e apresentar despedidas — respeitadas — ao chefe, naturalmente apelidado de cacique.

Orlando Villas Boas, agora, busca apoio em outras áreas para sua pequena luta. Mobilizou alguns deputados influentes (Pereira Lopes) para tentar modificar o entendimento dos “técnicos” da SUDECO. Mas, na Câmara dos Deputados, o processo, ou melhor, cópia dele, está sendo estudado por assessores que também argumentam com leis, diante do desconhecimento de uma situação de fato. E neste duelo de exegetas pensa-se, no momento, em solicitar audiência do Departamento Administrativo do Pessoal Civil — DASP — e da procuradoria-geral da República, para buscar o melhor entendimento sobre a contagem de tempo em dobro do servidor Orlando Villas Boas, na expedição Roncador-Xingu.

É difícil determinar onde está a falta de sensibilidade. Mas será que ninguém se lembra que uma existência na selva, com mais de 200 malárias, justifica com sobras qualquer pedido de aposentadoria? (Alves de Souza, de Brasília)